

CAPÍTULO I

CARTOGRAFIAS EXISTENCIAIS - PREMISSAS DE UMA LEITURA

Eguimar Felício Chaveiro
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

Pessoas são prenúncios

Este texto é produto de uma união de mãos, cabeças e pés.¹

A caminhada na direção de um conceito aproximado de cartografia existencial tem a pavimentação coletiva de um propósito comum: exaltar a luta das Pessoas Com Deficiência (PCD), por exaltar a luta das pessoas por uma vida digna. Também por supor que não há deficiência. Não há pessoas com deficiência. Há suficiência de mais ou de menos. Pessoas têm suficiências de mais ou de menos. Suficiências de menos, no amor, ao não viver o amor pleno em todas as horas. Suficiências de mais, ao ver o coração do outro mesmo sem ter olhos. Suficiências de menos, no ensino, ao

¹ O presente texto é uma síntese, espécie de prenúncio de uma leitura sobre as cartografias existenciais, como diz o título. Para ser deflagrado contou com várias pessoas (algumas coautoras de outros capítulos deste livro). Todas podem sentir-se coautoras. Saberão se ver aqui estampadas. Sabemo-las coautoras. Ao final do capítulo, a listagem nominal dos companheiros e companheiras do mutirão deste primeiro capítulo.

não ver o aluno como fonte de aprendizado. Suficiências de mais ao acariciar o outro mesmo sem ter mãos. Suficiências de menos, na saúde pública, ao não ver o trabalho como categoria central. Suficiências de mais ao andar mais dos que têm pernas, mesmo sem ter pernas. Suficiências de menos ao não ouvir que a ciência deve servir à mudança. Suficiências de mais ao ouvir todas as vozes mesmo sem ter ouvidos. Suficiências de menos ao colocar a produção do conhecimento a serviço do mercado e do capital. Suficiências de mais ao colocar todos os sentidos a serviço da dignidade humana, mesmo que faltem todos os sentidos. Deficiências são subjetividades, aparentes ou não. Suficiências, quando de mais, são planos de ação, e, quando de menos, são capitulação. Não existem pessoas com deficiência. Existem pessoas. As que mudam o mundo são as suficientes demais. E para conhecer um pouco dessas suficiências de mais ou de menos dançaremos na chuva das cartografias existenciais.

Pessoas são prenúncios de dias de sol, porque pessoas são chuva.

Cartografias existenciais desfilam pelas cidades, pelas casas, pelas asas da união entre pessoas com deficiências – todas – e pessoas com suficiências de mais ou de menos.

Arquiteturas, antropologias, geografias, medicinas, direitos, psicologias, fisioterapias, fonoaudiologias, sociologias e demais gnosés e sabedorias são meros subsídios para o desenho da luta pela dignidade humana, onde se esboça cada uma das cartografias existenciais de cada pessoa em sua singularidade, única portanto.

Mas, como premissa de uma leitura sobre o tema é imperativo o entrelaçamento cognitivo como um programa de ação: de pesquisa, de militância, de pedagogia. E, molhados de chuva, leitores, parceiros, pessoas, um programa de estudos, inserções, vínculos, trabalho, relações familiares, afetos, crenças, compro-

missos, histórias de vida como densos documentos de caminhadas no mundo.

A premissa de uma leitura sobre cartografias existenciais deve abrir as comportas das disposições para que os sujeitos enunciem sua experiência de vida e suas histórias como recursos e meios para mudar a atitude do mundo para com elas. Mas, afinal, de que se trata a expressão *cartografias existenciais*?

Pessoas são museus

A vida de um sujeito, de um grupo social, de uma classe, de uma etnia tornada cartografia gera uma abertura do termo e da sua compreensão. Quando se levantou a hipótese de que o *trabalho é uma ponte ao mundo*, pensou-se que as PCD têm no trabalho uma fonte para sair da opressão que os dispositivos sociais lhes impõem para que sejam *pessoas com suficiências de menos*. A claustrofobia direcionada por uma representação preconceituosa legitimada pela concepção biomédica da deficiência impede com todas as letras que as pessoas, quaisquer que sejam, desenvolvam suas capacidades de serem *pessoas com suficiências de mais*. E o trabalho, processo emancipatório para a vida ou processo regulatório da morte, tem a oportunidade de se redimir do segundo processo para se legitimar no primeiro processo de trazer o riso de volta estampado em cada face oprimida por sua ausência.

O pontapé deflagrador deste livro é um exercício de liberdade. Autores entrelaçados, deficientes e suficientes de mais, matizados por suas experiências, saberes e ídoles políticas, poéticas, intelectuais, com liberdade de expressão e de pensamento, traçam a vida na vida, colocam palavras sobre palavras, fazem cartografias sobre as cartografias. É isso que se quer na e da vida, para cada um, para o Outro: um exercício de liberdade. Para todos.

Segundo o Conselho Internacional dos Museus, um museu é *“uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”* (ICOM, 2001).

Pessoas com suas características existenciais singulares são acervos de cartas e mapas acumulados que traduzem as coisas do mundo – suas carícias e suas ofensas – as suas marcas. Pessoas são museus humanos das marcas do mundo. Cartografias existenciais são formas de visitá-las. E descobrir coisas.

Descobrir que Pessoas são uma instituição permanente que, ao passarem pelo mundo, doam seus acervos pessoais aos outros museus humanos – amores, filhos, amigos, inimigos, companheiros, vizinhos, transeuntes – que lhes sucedem, para fazerem jus ao que receberam dos que lhes antecederam.

Descobrir que Pessoas são instituições sem fins lucrativos, apesar do Capital e do Mercado. Capital e Mercado não são Pessoas. As Pessoas os criam e são as Pessoas que podem destruí-los. Pessoas são meras unidades de troca – de dar e de receber –.

Descobrir que Pessoas estão a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Pessoas são as células do corpo social e só há desenvolvimento social com o desenvolvimento celular dos corpos sociais articulados das Pessoas.

Descobrir, também, que Pessoas estão abertas ao público, mas que para visitá-las é preciso o cuidado na forma de chegar, olhar, manusear, compreender. Suas cartografias existenciais muitas vezes guardam mapas desbotados, cartas rasgadas, teias de aranha, um pouco de mofo, pedaços dobrados, rasuras, descuidos, manchas... Amor, ternura, tolerância, alteridade são senhas de chegada para a visita.

Descobrir que Pessoas adquirem, conservam, investigam, difundem e expõem os testemunhos materiais do homem e de seu entorno. Há em cada museu humano um pouco de cada um de cada um em Si que compôs, compõe e continuará compondo a sinfonia da vida. A sinfonia em Si da vida que serve de trilha sonora da visita ao museu humano não seria música se não tivesse todas as notas musicais dó, ré, mi, fá sol, lá, mesmo sendo composta em Si – maior ou menor – não importa.

Descobrir, ainda, que Pessoas existem para educação e deleite da sociedade.

Cartografias existenciais não é um novo ramo da ciência, tampouco obra de ficção. É apenas uma forma singela de visita aos museus humanos das marcas do mundo. Cartografagens, talvez, estratégias cartográficas, quando se queira dar ênfase aos *ais* das dores dos cartografiados.

Pessoas são processos

Para se cartografar não é preciso saber, antes é preciso ser. Leituras acadêmicas, disfarces eruditos, não dão a ordem para a execução. Esta se viabiliza na angústia da práxis.

O mundo esbanja pensamentos já pensados. Sobram letras, faltam atos. Terra, ventos, marés, plantas, o mundo carece de toques... Não o toque físico, tão somente, e mais do que o toque epistemológico, muito menos o toque estético, e, sim, o toque ético – o do cuidado -. Uma representação cartográfica existencial é uma representação cartográfica do cuidado.

Que força emana das Pessoas com a vontade da superação, cuja capacidade de se superar as leva a enfrentar um mundo voltado para padrões estéticos inatingíveis? Seriam existências inex-

plicáveis? Ou seriam Pessoas do mundo, escondidas, depreciadas, anônimas, em que o cuidado lhes aponta o voo infinito...?

Cartografias existenciais são aberturas de processos que colocam cara-a-cara abridores e abertos na sintonia de objetivos comuns. Ambos se transmutam em acompanhadores de processos cartográficos, espaciais, relacionais, existenciais... Cartógrafos e cartografados se fundem em mapas.

Hassan Zaoual (2003) nos fala sobre os *sítios simbólicos de pertencimento*, em evidente contraponto à economia globalizada e ao mercado que trituram as relações sociais. São também *sítios simbólicos de pertencimento* os mapas onde se formam e se transmutam personagens das cartografias. Elementos componentes desses mapas humanos são nomenclaturas abundantes que dimensionam o que se pretende para alimentar a vida digna: o lugar de ser, o espaço do fazer, o território do haver, a escala do ter. Resultado? Cartas. Cartas são escritas para alguém, são registros para alguém, são pedidos para alguém, são oferendas para alguém. *Cartografias existenciais* são sempre trocas entre alguéns.

Pessoas são processos de trocas.

Pessoas são processos de pertencimento a sítios simbólicos, com seu saber-fazer, em suas caixas de ferramentas, com suas identidades comuns que

contém seu saber fazer, suas ferramentas, seus modos de exploração do meio ambiente etc. Tudo indica que o saber fazer de uma população está intimamente ligado a seu saber ser, um modo de considerar a identidade comum, como motor simbólico da eficácia de uma organização social. Crer para crescer! (ZAOUAL, 2003, p. 113).

Pessoas são processos de fazimento e recebimento de cuidado.

Eu nasci cego, sou cego congênito. É difícil saber o que é não ser cego, pois eu não vivi isso. A primeira coisa é que na fase de criança não podemos fazer o que as outras crianças fazem, a gente sente isso, isso dói muito. Depois, a gente fica com medo de ficar muito preso, mas a cegueira é de certa maneira uma prisão mesmo, a gente vai levando. Tudo gira em torno disso em minha vida: eu sou uma pessoa que não enxerga, então pros outros eu não sou normal, as pessoas precisam de saber que eu tenho limite, muitos limites, não posso mentir, isso é verdadeiro, mas com luta, com ajuda, o cego precisa de ajuda, ele aprende isso, a gente vai abrindo os horizontes. Você já pensou nisso: o começo de tudo é isso mesmo, sou uma pessoa cega que precisa de ajuda o tempo inteiro... (CHAVEIRO; VASCONCELLOS, 2015, p. 6)

Pessoas são processos autônomos e interativos, em que nada deve ser feito por elas sem elas.

O nome ‘Nada sobre Nós sem Nós’, não podia ser mais adequado porque não se pode mais decidir uma política sem a participação daqueles que mais se interessam por ela, que somos nós os portadores de deficiência (AMARANTE; LIMA, 2009, p. 70).

Pessoas são processos intermináveis que permanecem mesmo quando se vão.

Pessoas são paisagens

O corpo das Pessoas com sua trajetória, processo de vida, caminhada existencial, encontro com a terra, com a cultura e consigo mesmo, é uma das expressões que subsidiam o entendimento do que sejam *cartografias existenciais*. Toda deficiência passa pelo corpo, toda suficiência, de mais ou de menos, passa pelo corpo, seja o corpo físico ou metafísico, mas sempre o corpo histórico.

E cada corpo é um mapa. Cartografar é olhar a paisagem que existe em cada mapa humano. Pessoas são composições paisagísticas que exibem o que é visível e o que é invisível ao olhar... *“a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal”* (SANTOS, 2006, p. 67).

Não existem paisagens deformadas, existem paisagens.

Negar o corpo do Outro, qualquer que seja, enquanto paisagem, é impor aos olhos um olhar que olha mas não vê. E, além disso, é subjugar-se a hegemônias de redução das Pessoas. *“...os esquemas de banimento, exílio, enclausuramento e subordinação do Outro referem-se a uma estrutura geopolítica que reduz o sujeito conforme um padrão hegemônico* (CHAVEIRO *et al.*, 2017, p. 15).

Ao se propor cartografias existenciais, pretende-se representar as trajetórias de vida, constituídas a partir da existência do sujeito em um dado espaço e tempo. São influenciadas pela sociedade, pelo Estado, pelo modo de produção, pela afetividade ao lugar, pelas diversas redes que atravessam as trajetórias dos sujeitos.

Trajetoárias que formam fluxos, linhas imaginárias que revelam as marcas deixadas a partir da experiência do sujeito com o espaço. Marcas fortemente atravessadas pela opressão e a segregação socioespacial, obtidas a partir do contato com barreiras físicas e atitudinais.

Centrada na ideia de trajetória de vida e incorporando a noção de espaço como suporte, meio e condição das trajetórias, esforçando-se para exemplificar na vida concreta as suas representações teóricas, a cartografia exerce uma compreensão política do mundo e das Pessoas-paisagem. Deflagra um saber comprometido com a prática e uma prática instaurada no saber. Deflagra, ainda, o dever de perceber e sentir o que emana da leitura da paisagem.

Se cartografia é a representação do espaço demarcada e condicionada historicamente, cartografar existências, seja de indivíduos ou grupos, significa juntar-se a sujeitos. Juntarmo-nos todos. Seja lá para o que quer que seja. Brincar, pesquisar, fazer coisas, entrar na paisagem, deixar de olhá-la para incorporar-se a ela.

Pessoas somos todos paisagem: estudiosos / estudados; pesquisadores / pesquisados; professores / alunos; deficientes / deficientes; suficientes / insuficientes – paisagens vivas simplesmente.

Pessoas são planos de ação

Amar, sofrer, chorar e rir são atos que dependem de planos de ação. Pessoas são planos de ação. “*Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera*” (MARX, 1996, p. 298).

Cartografias existenciais são mapeamentos de planos de ação das Pessoas.

E planos de ação para as Pessoas serão planos de ação mais ou menos bem sucedidos se forem os planos de ação das Pessoas com as Pessoas (Nada sobre Nós Sem Nós).

Qualquer plano de ação que envolva a sociedade no esforço da ruptura com as diversas barreiras que surgem, ao longo da jor-

nada, implica na caracterização do sujeito no seu espaço, no seu *sítio simbólico de pertencimento*.

A abordagem das Pessoas com deficiências, suficiências de mais ou de menos, na perspectiva das políticas públicas, embora dependa de atitudes estruturais, mais precisamente arquitetônicas e físicas, reside numa leitura do mundo, pode-se afirmar, ainda incipiente. Planos de ação públicos, nesta ótica, não levam em conta a subjetividade (dos sujeitos em si) e, tampouco, a intersubjetividade (dos sujeitos entre si). Também não consideram a autonomia subjetiva (dos sujeitos) como afirmação de uma cidadania que imprime à política pública a marca democrática do Estado de direito. Planos de ação públicos que não abastecem de serviços e oportunidades a autonomia dos sujeitos são atalhos para a injustiça social.

Pessoas são planos de ação que bradam por justiça social.

É da natureza das relações sociais a opressão e a luta contra a opressão. O pendor da balança para um lado ou outro mostra, sem máscaras, a natureza do Estado, do poder político, da organização do país, do andar do mundo.

Houvera uma ideologia emancipatória, igualitária, afetuosa e cuidadora das Pessoas, atravessada nas relações sociais e organizada pelo Estado político, não haveria Pessoas Com Deficiência. Só haveria Pessoas com seus planos de ação.

Cartografia existencial é mapear o quanto os planos de ação das Pessoas trazem a marca de sua existência, pela sua resistência, re-existência, insistência, persistência, paciência...

Pessoas são trabalho

Não há representação do ser ou devir ontológico que não tenha o trabalho como essência material de causação da vida. Há

trabalho em cada respiro, suspiro, sonho, pesadelo, vida, morte. Negar o trabalho como categoria central da vida é negar a vida.

Cartografias existenciais são mapas do trabalho impregnado nas Pessoas – sua ausência, sua exploração, sua execração por produzir a morte ou exaltação por produzir a vida, a liberdade –. Demonizar o trabalho pelo quer que seja é culpabilizar o coração pelo amor desfeito; é tiranizar o cansaço pelo pesadelo do sono reparador; é odiar a árvore pelo fruto podre. Culpado, tiranizável, odioso é a exploração no trabalho; é a opressão no trabalho; é a apropriação do trabalho alheio para encher a burra dos homens que enfeiam a paisagem humana. Vergonha da humanidade é o trabalho ser um rio sem margem pela mão dos homens sem-vergonha.

Na minúscula ampulheta da aventura humana, frente à imensidão do tempo que dura o mistério, o trabalho é o antes e o plano; o durante e os instrumentos; o depois e os usufrutos, que fazem do chão o trigo o pão a mesa e o seu sabor. É o que faz, pela mão do homem, do chão, além do trigo, o abrigo para o frio, como faria uma margem para acolher o rio, qualquer que seja o rio (FADEL, 2013, p. 31).

Assim como o trabalho é essência, substrato, substância do andar a vida, também é desgraça, ignomínia, humilhação.

Uma ponte ao mundo de pessoas com deficiência, suficiências de mais ou de menos tem uma direção única, sem atalhos: o trabalho digno.

Se o trabalho não for a maior, é candidata a ser a maior causa de deficiências de Pessoas, deficiências visíveis ou invisíveis. Mas, é, por certo, a maior causa de suficiências de menos para cursar o

rio da vida. Pessoas sofrerem por trabalhar é uma profunda contradição com Pessoas sofrerem por não trabalhar. Escolhamos!

Pessoas são trabalho não por serem trabalhadoras, são trabalho por serem vida.

O trabalho que mutila, que adocece, que mata, é assassino da humanidade, não por ser trabalho, mas por ser reflexo de um poder político-econômico-ideológico de mortificação da vida. Não há reestruturação produtiva e novas formas de desregulamentação do trabalho, pós-fordismos-taylorismos-toyotismos; o que há é um rio sem margem e sem uma ponte que o sobrepassasse em direção ao mundo.

Homens, políticos, governantes que fazem do trabalho um triturador da dignidade, liquidificador da humanidade, são escória. Suas paisagens são estéreis. Rebelemo-nos!

Restam as histórias de vida. Elas desenham o mapa da existência dos sujeitos nas relações materiais e imateriais que compõem as grafias do espaço. Expõem a experiência de existir na sociedade desigual onde trabalhadores são peças simbólicas de estruturas sociais que repetem secularmente a exclusão (da terra, universidades, escolas, saúde pública....). Rebelião!

Pessoas são histórias

Roberto nasceu no campo, e desde o final dos anos 1980 tornou-se um entre tantos sujeitos da sua própria Comunidade que ingressaram nas fileiras do trabalho assalariado na indústria extrativa mineral de Catalão, Goiás. No decurso dessa experiência do trabalho, os itinerários de seu cotidiano foram modificados diante das imposições do capital, como a rotação de turnos, quadro de metas e tabelas de horários fixos. Presenciou acidentes na mineração que tolheram a saúde de trabalhadores e ceifaram vidas de seus amigos.

Decidiu fazer parte do movimento sindical. Seu projeto, enquanto sindicalista, é a defesa irredutível da saúde dos trabalhadores. No entanto, Roberto não abandonou a terra onde nasceu e cresceu. Mantém o enlace simbólico e material com as sociabilidades cotidianas da vida camponesa. Não vendeu a propriedade que herdou dos seus pais, a terra onde seus antepassados viveram e trabalharam coletivamente numa espécie de experiência comunitária da existência. Afirma que na terra estão “suas raízes, suas memórias, sua identidade territorialmente construída”. Em razão disso, nos feriados, finais de semanas e folgas, vai para o campo, cultiva a terra, semeia as sementes, irriga, cuida e observa o crescimento das plantas, colhe os alimentos que sua esposa, Joana, também de origem camponesa, comercializa na feira agroecológica. Roberto e Joana também são participantes ativos do movimento camponês local que combate o latifúndio e os transgênicos. Juntos, lutam pela implementação de bancos de sementes crioulas e produção de alimentos saudáveis.

Maria é negra, pobre e mãe, mãe de três filhos. O marido, Manoel, é pai, e desempregado. Ambos moram na periferia de Aparecida de Goiânia, região metropolitana de Goiânia, Goiás. O filho mais velho, Vinicius, de 16 anos, inconformado com os projetos de militarização e OS para as escolas de seu bairro, foi um entre os jovens que ocuparam essas instituições em dezembro de 2015. Ergueram faixas de protestos onde se podia ler “OS jamais, nosso estudo vale +” ou “Fora OS”. Vinicius foi um entre os jovens que apanhou da polícia militar. Foi espancado, chamado de vândalo e vagabundo. O “crime”: lutou e defendeu aquilo que acredita ser direito de toda classe trabalhadora, ou seja, a escola pública, gratuita e de qualidade. Depois dessa experiência passou a ler Paulo Freire e acredita na “educação como prática de liberdade”. Os pais de Vinicius também possuem histórias de vida atravessadas por lutas. Maria e Manoel estavam entre as mais de 3 mil famílias de trabalha-

dores, juntos ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, que ocuparam a fazenda Santa Mônica, em Corumbá de Goiás – um latifúndio de aproximadamente 21 mil hectares, de propriedade do senador Eunício de Oliveira (PMDB-CE) – . Maria e Manoel se orgulham de terem participado, em junho de 2015, no município de Corumbá de Goiás, do Acampamento que foi denominado pelo MST de Dom Tomás Balduino, homenageando o bispo emérito de Goiás que se dedicou à indubitável defesa da emancipação dos camponeses e demais trabalhadores esbulhados no campo, nas florestas e nas cidades. O casal vestiu a camisa vermelha do MST, lançou a bandeira no movimento ao ar e bradaram frases como “malditas sejam todas as cercas” e “Acampados Dom Tomás Balduino, justiça neste latifúndio”. Maria e Manoel, filhos de camponeses desterrados do campo nos anos 1980, ainda sonham em voltar para a terra de trabalho, território de vida em abundância.

Amanda, 26 anos, é trabalhadora e filha de trabalhadores. Seu emprego é de secretária em um escritório de contabilidade. Diariamente, atende telefonemas, dialoga com os clientes, cumpre sua função com alegria. Para ela, o trabalho é a substância espiritual e concreta, fonte de libertação e inserção ativa no mundo. Amanda é uma entre tantas Pessoas Com Deficiência – PCD da classe trabalhadora de Goiânia. O mapa cotidiano de sua existência também é grafado pelos desafios de enfrentar percursos em calçadas sem adaptações para cadeirantes e ônibus coletivos lotados, onde já defrontou situações de preconceito e desprezo. Mas, a deficiência não tolhe a sua concomitante potencial capacidade humana de interagir, participar e conviver.

Tereza Silva. Uma senhora jovem, mãe de 4 filhos, negra, possui o primeiro grau completo. Casou-se com 17 anos. Nos 18 já lhe havia consagrado o dom do útero: tornara-se mãe de João Bento, depois vieram, em seguida, Maria Rita e João Acácio. A

sua vida é igual a de seu marido: uma luta. Luta diária. Ela assina os documentos no quesito profissão: DO LAR. O seu marido? - Pedreiro, alguns o chamam construtor. Ela mora na periferia proletária da metrópole, é migrante como a maioria dos trabalhadores da cidade. Tem casa própria: a ocupação se deu com a ajuda de todos. A sua casa tem dois quartos, a sala da TV, a cozinha e a varanda, onde se guarda as tranqueiras. A poeira da rua é um inferno; quando chove, o inferno é a lama. A casa recebe pó suspenso da rua ou lama impregnante nas fendas dos ladrilhos. A sujeira da casa é a desonra da esposa. Trouxe da família uma longa história de problemas cardíacos. Não faz as contas, mas quase todos parentes morrem dos 40 para os 50. Está tentando se cuidar, mas é difícil, não há tempo: leva os filhos na escola, pega-os, faz a comida, limpa a casa e passa roupa três vezes por semana para Dona Gertrudes, lá do centro. Maria Rita vive sempre gripada, é fraquinha. Contudo, bastante carinhosa. Ela é a prenda da casa, o vaso de flor. Sorridente. João Acácio é custoso, muito custoso, tem que ficar de olho. Vai para o campo de futebol e não volta. Não tem como vigiá-lo. Sim, qual será o futuro desse menino? A rua hoje em dia é muito perigosa. João Bento vai para Igreja, quer ser pastor. Parece triste às vezes. É maduro demais para a idade. O silêncio é o seu maior amigo. Ele não brinca e não desgruda da bíblia. Ela, dona Tereza, também vai à igreja, assim que pode. Surgiu uma novidade: uma terrível dor na coluna. Já não dorme tão bem. Gasta muito dinheiro com dorflex. Não reclama para não aterrorizar as crianças, nem o marido. Ela não importa mais, o que importa são as crianças. Se as crianças crescerem com saúde e honestidade, já valeu a pena essa vida. Deus está vendo. Deus olha por todos, o olho de Deus é a chama de luz que acende a veia. Mas a dor na coluna desata a insatisfação: quase não consegue passar as roupas de D.

Gertrudes. É dinheiro contado: compra o pão, o arroz e o feijão. É a garantia do alimento. Sem passar a roupa de D. Gertrudes o barraco cai. Ela não sabe o que é divertir; não sabe o que é ter férias. Não sabe o que é viajar. Tem imensa e dolorosa saudade da prima, sua melhor amiga da infância e da adolescência, mas nem Ela, nem a prima tem como procurar a outra e se encontrarem. Gostaria de ver pelo menos mais uma vez na vida a casinha onde nasceu, na zona rural, interior da Bahia. Sonha com isso. Esse é o seu maior sonho. Sente-se devorada pela cidade. Mas Deus sabe o que faz. O nosso destino é o olho de Deus... a oração é o bálsamo da alma. Ela ora em família, está precisando de mais oração: a polícia está ameaçando retirar os ocupantes que não pagarem o IPTU. A coluna dói muito. Se dona Gertrudes ajudasse... Esmola, não, nunca...Esmola, não, nunca...

...CARTOGRAFIAS EXISTENCIAIS...

Referências bibliográficas

AMARANTE, P.; LIMA, R. (Coord.), 2009. Nada sobre Nós sem Nós. Relatório final. / Oficina Nacional / Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial/Fiocruz.

CHAVEIRO, E. F.; MARQUES, A. C. O.; VASCONCELLOS, L. C. F.; de DEUS, N. M.; MIRANDA, M. S. 2016. A estrutura demográfica das pessoas com deficiência no Brasil: indicadores da desigualdade, força da diferença. In: Revista Sapiência, V 1,n.1, Iporá-Go: UEG-IPORÁ, 2016 – 19-37

CHAVEIRO, E. F.; VASCONCELLOS, L. C. F. 2016. PONTE AO MUNDO: inserções espaciais da Pessoa Com Deficiência: Revista Pegada, V. 17, n. 2, Presidente Prudente-SP: 2016 – 90-116.

FADEL (de VASCONCELLOS), L. C. 2013. Saúde, Trabalho, Justiça - Poemas Longos e Curtos / Ensaios e Tentativas. Rio de Janeiro: Reproarte.

Disponível em https://docs.wixstatic.com/ugd/15557d_6cd-1da7b283d49689b5e370cf3f03e4f.pdf Captado em 29/01/2018.

ICOM, 2017. Disponível em www.icom.museum. Captado em 26/07/2017.

MARX, K. 1996. O capital – Crítica da Economia Política – Vol. 1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.

SANTOS, M. 2006. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,

ZAOUAL, H. 2003. Globalização e diversidade cultural. São Paulo: Cortez.

***Relação nominal dos companheiros de mutirão e seus vínculos institucionais**

Ana Carolina de Oliveira Marques - Universidade Estadual de Goiás [UEG] / Itapuranga [GO]

Annaclara Toledo Avelar da Costa - Instituto de Estudos Socioambientais / Universidade Federal de Goiás [IESA-UFG]

Caio César Alencar de Sena - IESA-UFG

Cátia Rodrigues dos Santos - Faculdade União de Goyazes - Trindade [GO]

Dóris de Fátima Reis Mendes - Faculdade Padrão / Goiânia [GO]

Eguimar Felício Chaveiro - IESA-UFG

Janaína Borges de Sousa - IESA-UFG

Lais Neves Pereira - IESA-UFG

Lucas Almeida Sousa - IESA-UFG

Luciene Aguiar - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca / Fundação Oswaldo Cruz [ENSP-Fiocruz]

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos - Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural - DIHS-ENSP-Fiocruz

Marielly de Sousa Miranda - IESA-UFG

Michele Andrade da Silva - IESA-UFG

Renan Augusto Oliveira do Nascimento - IESA-UFG

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves - UEG / Iporá [GO]

Ronan Eustáquio Borges - IESA-UFG

Rosenilde Silva dos Santos - IESA-UFG

Tatielle Esteves de Araújo Tristão - IESA-UFG

Wilson Lopes Mendonça Neto - IESA-UFG